

Revista Adventista

Missionários

por Jônatas Braga

Esses que lá se vão pelos sertões bravios,
Por entre matagais, transpondo as cordilheiras,
Rasgando sem cansaço as selvas traiçoeiras,
Atravessando vaus, abismos, fontes, rios;

Levam o Pão da Vida aos entes erradios
Que vivem a chorar de fome nas lareiras,
Sem esse Pão que dá conforto nas canseiras
E as almas alimenta em seus transe sombrios.

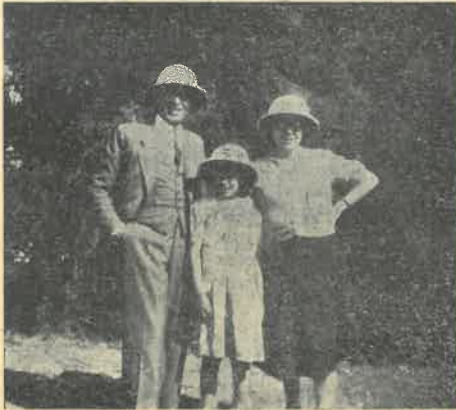
São eles os titãs que lutam com denodo
Contra a cegueira e contra a idolatria,
Para os mortais tirar do conspurcado lodo...

Emissários de Deus, vão eles cada dia
Levando este Evangelho a todo homem, a todo
Que vive sem a luz que as almas alumia!

BONGO

Do Dr. Otto Schubert

Todos os habitantes de Angola, europeus dos centros de população e indígenas da selva, conhecem o Bongo, centro médico adventista ao qual o Dr. Roy Parsons, de New Jersey, deu uma reputação que se estende através de todo o território desta vasta província ultramarina portuguesa.



Pastor Manuel Lourinho, Director da União de Angola, com sua Esposa e Filha

O Bongo encontra-se num planalto, a 1.200 metros de altitude. Fica a uns 75 quilómetros de Nova Lisboa, próspera cidade moderna. O clima é bom, e os nativos gostam do progresso. Mais de 1.000 indígenas adventistas habitam no Bongo e nos arredores, e muitos outros se mostram favoráveis à nossa mensagem. Quase todos, graças à influência da Missão, se vestem mais ou menos à europeia.

Todavia nem sempre assim foi. Os começos foram modestos. O Doutor Tonge tinha começado a obra médica no Bongo em 1925, mas ao chegar, em 1931, o Doutor Parsons e sua esposa encontraram os edifícios utilizados em parte como arrecadações: havia certo tempo que não se encontrava nenhum médico na missão. Os indígenas, mal vestidos, entregavam-se ainda aos seus instintos selvagens. As perspectivas não se anunciavam na verdade muito brilhantes: e ninguém teria podido predizer que alguns anos mais tarde nativos e europeus se comprimiriam

às centenas no Bongo cada semana, quais peregrinos junto de um lugar santo, em busca de alívio físico e espiritual.

Durante a nossa breve estadia ali, vimos cada dia os angolanos acaparem, por vezes com suas famílias inteiras, num bosque em frente do dispensário. A um quilómetro da missão, três hotéis foram erigidos por europeus para receberem os brancos que vêm receber tratamento ao dispensário ou aguardam uma vaga no hospital.

Cada dia, o nosso dispensário trata uma centena de homens, mulheres e crianças indígenas. Enquanto os doentes se encontravam alinhados diante da sala de recepção, o Doutor Parsons pediu-lhes as suas cartas de admissão para me mostrar donde vinham. Alguns vinham de aldeias vizinhas; outros tinham percorrido 300 a 400 quilómetros de comboio, carro ou a pé.

A confiança da população na habilidade médica do Doutor Parsons parece ilimitada. Certos pacientes de raça branca vieram de cidades longínquas, onde no entanto se encontram bons hospitais e médicos competentes. Mesmo se o Doutor Parsons desaconselha uma operação, o doente insiste para que ela se faça, crendo que o doutor poderá quase fazer um milagre!

Ao dedicarmos à União Angolana o presente número da «Revista Adventista», prestamos a mais calorosa homenagem a todos quantos, na grande Província Ultramarina de Angola, estão disseminando, sem se pouparem a sacrificios, as inexauríveis maravilhas de Evangelho do Reino.

Deus abençoa o trabalho deste casal missionário e dos seus colaboradores. Ao mesmo tempo oferece-se a ocasião para espalhar a boa semente da Palavra de Deus. Ficámos surpreendidos ao ver tão grande número de pessoas interessadas aos cultos de Sábado.

Quem conhece a obra médica lerá talvez com prazer as seguintes estatísticas referentes ao ano de 1952:

Médico: 1.

Enfermeiras: 4 europeias, 11 indígenas.

Hospital:

Camas: 26 europeus, 36 indígenas.

Consultas: 2.476 europeus, 476 mulatos, 11.983 indígenas.

Tratamentos: 443 europeus, 357 mulatos, 29.373 indígenas.

Operações (na sua maioria, graves): 683.

Doentes: 1.671 (489 dos quais, europeus).

Dispensário:

Injecções: 386 europeus, 75 mulatos, 10.802 indígenas.

Média de consultas diárias: 100.

Conhecemos e apreciamos a obra notável realizada pelos missionários e os médicos de outras denominações, homens e mulheres cujo nome se tornou por vezes célebre no mundo inteiro. O Doutor Roy Parsons faz um trabalho semelhante. Sua tarefa é mesmo maior, porque é um representante leal da causa mais nobre que existe: a proclamação da mensagem do terceiro anjo. Nossos missionários médicos submetem-se a reais sacrifícios na realização da sua actividade incansável. Nos seus países de origem poderiam ganhar muito dinheiro e levar uma vida cómoda. Mas dão tudo a fim de salvar almas do paganismo e da superstição. Nas nossas orações, pensemos nos nossos fiéis e consagrados missionários, e mostremo-nos mais reconhecidos pelo trabalho magnífico que eles levam a efeito nas regiões entenebrecidas do globo.

Angola através do anuário adventista

por ERNESTO FERREIRA

Há tempo tive oportunidade de compulsar todos os números do nosso Anuário (*Seventh-Day Adventist Yearbook*), e entre as notas que tomei figuram algumas referentes a Angola, que talvez sejam de interesse para os nossos leitores.

É natural que nem todos os dados aqui apresentados correspondam à mais absoluta realidade. Pode suceder que alguém tenha sido nomeado e não tenha tomado posse do seu cargo; que alguém tenha estado ao serviço e não figure aqui; que alguns números e datas estejam atrasados ou adiantados consoante a altura em que foram enviados para a tipografia. Limitamo-nos a transcrever o que figura no Anuário nos anos que indicamos.

Direcção do Campo

A primeira vez que Angola aparece mencionada é em 1924, com a indicação de que o trabalho ainda não está organizado. Figura, como ministro, J. D. Baker. Em

números posteriores lê-se que a Obra foi organizada em 1925.

Até 1929 não há mais nenhum dado referente ao campo, mas nesse ano aparece como director W. H. Anderson, e como secretária-tesoureira Miss Ina Moore. O conselho executivo é constituído por W. H. Anderson, Dr. A. N. Tonge, J. D. Baker, D. P. Harder e D. D. Bredenkamp.

No ano seguinte aparecem: como director e tesoureiro W. H. Anderson e como secretário F. V. Curtis. No Conselho não figuram já o Dr. A. N. Tonge nem D. P. Harder, mas aparece um novo nome: T. R. Huxtable.

Em 1931 continua o mesmo director e tesoureiro, assumindo as funções de secretário Peter Stevenson. Desaparece do Conselho o nome de O. O. Bredenkamp.

Em 1932 são acrescentados, no Conselho, os nomes do Dr. Roy Parsons e de O. I. Fields.

Em 1933 aparece como director C. W. Curtis e como secretário-tesoureiro Peter

Stevenson. É adicionado ao Conselho o nome de E. Buckley e reaparece o de O. O. Bredenkamp. Os nomes que figuram este ano mantêm-se até 1937.

Em 1938 observam-se as seguintes modificações: desaparecem O. O. Bredenkamp e J. D. Baker, dando lugar a O. U. Giddings.

A estes nomes é acrescentado, em 1939, o de A. A. Bringle, que desaparece em 1940. Este esquema mantêm-se até 1942.

Em 1943 surge como director Peter Stevenson e como secretário-tesoureiro W. M. Webster.

Só há modificação em 1947, aparecendo então no Conselho o nome de B. E. Sparrow.

Em 1949 o Conselho é constituído por P. Stevenson, O. U. Giddings, E. L. Jewell, R. B. Parsons, A. J. Rodrigues, B. E. Sparrow e W. M. Webster.

Em 1950 não figura nome de secretário-tesoureiro e é acrescentado E. V. Hermanson ao Conselho.

Em 1951, aparece o seguinte elenco: presidente, M. Lourinho; secretário-tesoureiro, E. L. Jewell; Conselho: os mesmos nomes, acrescentados de A. M. Candeias, E. V. Hermanson, R. B. Parsons, A. J. Rodrigues e B. E. Sparrow.



Dr. Roy Parsons, director do Hospital do Bongo

Em 1952, figuram também no Conselho A. J. S. Casaca, M. S. Castro, A. C. Lopes e O. Nell.

Igrejas e Membros

O progresso do trabalho em Angola através dos anos exprime-se eloquentemente pelos seguintes números:

	IGREJAS	MEMBROS
1929	1	71
1930	4	125
1931	7	227
1932	8	242
1933	8	564
1934	8	594
1935	8	671
1936	12	616
1937	12	722
1938	15	792
1939	16	988
1940	18	1.163
1941	18	1.362
1942	28	1.436
1943	28	1.571
1944	28	1.811
1945	28	1.889
1946	28	2.015
1947	28	2.084
1948	30	2.368
1949	30	2.798
1950	30	3.249
1951	30	3.839
1952	29	4.434
1953	29	5.048

Instituto do Bongo

Uma das primeiras preocupações dos dirigentes do trabalho em Angola foi a organização de uma Escola de Preparação de Catequistas.

A primeira referência a ela surge em 1930, com a seguinte «faculdade»: J. J. Gnutzmann, Andries Lategan, F. V. Curtis, Mrs. J. Gnutzmann, Miss J. L. Moore, Miss Glady Howard.

Em 1931, este conjunto aparece assim modificado: Dr. Roy Parsons, Orsen Fields, J. Gnutzman, Mrs. O. Fields, M. Fourie.

Em 1932, D. Fields figura como director, e são-lhe adicionados os nomes de Dr. R. Parsons, J. Gnutzmann, Mrs. O. Fields, Miss R. Johnson, P. Stevenson, R. Parsons, Mrs. Stevenson, Mrs. Gnutzmann.

A partir desta data, não possuo quaisquer dados, sem dúvida por o Instituto do Bongo ter passado para outra secção do Anuário, de que infelizmente não tomei nota.

Hospital do Bongo

Pelo mesmo motivo, apenas apontámos a sua menção no Anuário de 1933, aparecendo como director o Dr. R. Parosns, e como enfermeira Miss Ruth Johnson, coadjuvada por duas enfermeiras nativas.

Estações Missionárias

A especificação das estações missionárias começa um pouco tardiamente no Anuário.

Assim a *Missão do Bongo*, que desde cedo começou a funcionar, só aparece em 1933, com O. Fields como director, que em 1939 é substituído por A. A. Bringle, para voltar no ano seguinte. Em 1944 encontramos o nome de L. D. Higgins, seguindo-se em 1945 o de O. U. Giddings, em 1948 o de E. V. Hermanson e em 1951 o de A. S. Casaca.

Depois de vermos a designação da estação missionária de Xinje em 1932, com O. O. Bredenkamp, aparece em 1933 a *Missão do Lucusse* com o mesmo missionário como director, seguindo-se-lhe O. U. Giddings em 1938, A. J. Rodrigues em 1941, A. M. Candeias em 1945, A. C. Lopes em 1951 e V. Chaves em 1953.

A *Missão da Luz* aparece pela primeira vez com J. D. Baker em 1932, seguindo-se-lhe E. Buckley em 1938, A. J. Rodrigues em 1940, J. Falcão em 1941, E. L.

Jewell em 1943, E. V. Hermanson em 1951, M. S. Castro em 1952 e A. C. Lopes em 1953.

A *Missão do Cuale* conheceu grande número de directores: em 1935, E. A. Buckley; em 1938, J. Falcão; em 1939, João A. Esteves; em 1941, O. U. Giddings; em 1946, A. J. Rodrigues; de 1947 a 1950, O. U. Giddings; desde 1951, A. M. Candeias.

A *Missão da Namba* surge em 1932, com o nome de T. R. Huxtable à frente, seguindo-se-lhe, em 1933, o de E. Buckley. Daí em diante não se lê o nome de director algum, até que O. Nell aparece de 1950 a 1953.

Durante alguns anos, vemos o nome de *Ovimbundu*. A primeira vez é em 1932, com T. R. Huxtable, nada mais aparecendo a seu respeito até 1942, mantendo-se no Anuário desde esse ano até 1951. Só de 1949 a 1951 figura um nome de director: O. Nell.

A última *Missão* que aparece no Anuário é a de *Nova Lisboa*, em 1952, sendo-lhe dado como director M. Lourinho.

Estatística actual

O último número do Anuário apresenta as seguintes *Missões*, com os respectivos membros assim distribuídos:

MISSÃO	IGREJAS	MEMBROS
Bongo	23	2.654
Cuale	1	223
Lucusse	1	72
Luz	1	414
Namba	1	766
Nova Lisboa	2	918
<i>Total</i>	29	5.048

Um Congresso em Angola

Sáimos de Nova Lisboa já ao anoitecer. O tempo estava um pouco quente mas agradável para uma viagem. A carrinha atulhada de malas, sacos, etc., permitiu ainda que tivéssemos lugar atrás, pois as senhoras ocupavam a cabina. Os últimos raios de sol foram-nos acompanhando e a poeira, encarnada, destas estradas de Angola, enchia-nos a cara, as roupas e a

boca. No entanto ia tudo bem disposto, ia tudo para a grande festa do Bongo. No dia seguinte de manhã começava o grande congresso do Bongo, nos primeiros dias para os nativos, e depois para os europeus. Quem, como nós, nunca tinha assistido a semelhante reunião, estava possuído duma curiosidade natural.

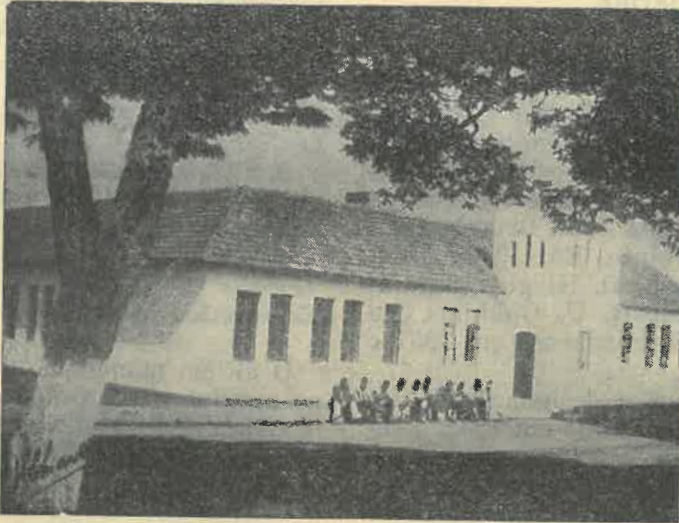
Já noite, ao longe, no meio do mato,

grandes queimadas iluminavam enormes pedaços de terreno. As pequenas vilas de Robert Williams (Caala) e Lépi ficavam já para trás com as suas casas, as suas ruas poeirentas e os seus estabelecimentos. A carrinha continuava papando quilómetros, umas vezes fazendo-nos bater no tejadilho, outras empurrando os nossos companheiros de viagem, mas tudo continuava, sem... afrouxar.

A povoação do Bongo, onde estão os hotéis que servem de poiso às pessoas que buscam o hospital, viam-se já, não muito longe. Passámos já as casas, onde as pessoas sentadas nas varandas, esperavam a hora do jantar. Logo mais abaixo surgem,

não deixa vislumbrar muito. No entanto, à nossa vista, no meio da escuridão, surgem sombras de outros edifícios, uns maiores e outros mais pequenos, que enchem o terreno da missão. No silêncio da noite, ouvimos lá ao longe, nos seus acampamentos, nas suas aldeias, os cânticos entoados pelos nossos irmãos vindos do território do campo missionário do Bongo e doutros. Percorreram alguns bom par de quilómetros, a pé, de comboio ou de bicicleta, trazendo às costas os filhos e à cabeça os seus utensílios.

A noite passa rápida, e logo o dia nasce belo e o movimento começa. Por todo o lado começam a juntar-se grupos sempre



Instituto Adventista do Bongo

numa encruzilhada, umas grandes letras em tijolo MA e começamos a estar dentro da propriedade da Missão. Eis-nos já em frente do primeiro edifício do hospital — as consultas para brancos, na parte da frente e para indígenas da parte detrás. Tudo estava sossegado àquela hora, mas mesmo naquele dia muitas dezenas de pessoas, ali, tinham estado em busca de consolo físico, e quantos não teriam saído também consolados espiritualmente. O outro edifício a seguir é o hospital propriamente dito, onde estão instaladas as enfermarias para indígenas e quartos para europeus. Continuamos a caminhar pela estrada, passamos à casa ocupada pelas enfermeiras solteiras; depois surge a casa do Dr. Parsons, do lado contrário um pouco mais adiante a do Ir. Pires, depois do Ir. Miranda, Ir. Ribeiro.

É noite escura. A luz fraca das caass

crescendo. Entretanto vamos dar mais uma volta à missão. Seguindo o caminho que ontem à noite percorremos, passamos por uma casa dum professor, e depois um grande armazém da Missão onde está também instalada a pequena tipografia onde se fazem trimensários, cartas missionárias, nas línguas nativas e ainda outras espécies de impressos. A seguir, dum lado, ergue-se o imponente edifício do Instituto e doutro a capela, pequena para a população nativa do Bongo. Logo a seguir o vasto terreno preparado para o congresso. Troncos de árvores simetricamente dispostas, serão assento para alguns milhares de irmãos nativos. Ao fundo, a toda a largura do terreno, ergue-se a tribuna, coberta de capim. Ao meio fica o púlpito e de cada lado lugar para os obreiros europeus e suas famílias e do outro para os obreiros nativos.

A volta do vasto recinto começa a for-
migar uma multidão. Homens, mulheres e
crianças envergando os seus melhores tra-
jos começam a congregar-se, e os lugares
vão sendo ocupados, a pouco e pouco, e
dentro em breve, no início da reunião o
recinto fica quase cheio.

Uma multidão de um milhar e meio en-
contra-se ali.

Estamos no início do grande congresso
do Bongo. Milhares de vozes se elevam
entoando hinos de louvor a Deus. O coro
do Instituto do Bongo, impecável nos
seus fardamentos, marcha garbosamente,
entoando os seus hinos. Outros coros de
aldeias dos arredores fazem-se também

Surge, então, uma velhinha, enrugada,
magra que é membro da escola sabatina
há mais de 20 anos. Depois, logo a seguir
começa a ouvir-se ao longe um hino can-
tado pelas crianças que vêm saindo do edi-
fício do Instituto. São centenas, que em
duas grandes filas vêm entoando os seus
hinos. Brancos e nativos, juntamente,
aproximam-se da tribuna onde cumprem o
seu programa.

Depois foi o culto. Milhares de pessoas,
sentadas nos seus rústicos troncos de
madeira, ouviam avidamente as palavras
traduzidas por um pastor nativo. A um
apelo especial, começam a levantar-se aqui,
ali, mais além, muitas e muitas pessoas,



Bongo — Assistindo a um Congresso ao ar livre

ouvir com geral agrado. As reuniões suce-
dem-se, durante três dias, desde manhã
até à noite. Obreiros europeus e nativos
realizam reuniões, sobre assuntos de re-
vigoramento especial.

O grande dia do congresso chegou, é
sábado. Nesse dia não foram mil e tal
pessoas, mas cerca de três mil que assis-
tiram às reuniões. A Escola Sabatina
começou cedo, depois os grandes grupos
divididos em classes deram uma anima-
ção grande ao recinto. Pastores, evange-
listas, catequistas, todos colaboraram nessa
escola sabatina enorme, constituída por vá-
rias dezenas de classes. A oferta é levan-
tada por um grupo de jovens, que, com
cestos e latas, recolhem especialmente o
milho, os ovos, o feijão, que cada um
pôde trazer. Depois da escola sabatina, vi-
mos chegar junto da tribuna, algumas de-
zenas de presentes, que são membros da
escola sabatina, há mais de quinze anos.
Outros mais novos também aparecem.

que desejam testemunhar assim o seu de-
sejo de seguir a Deus.

De tarde, num lago próximo, dentro da
Missão, vamos assistir à cerimónia bap-
tismal. A pouco e pouco começa a juntar-se
muita gente em volta da água. Os candi-
datos são identificados e colocados em lon-
gas filas, que vão até junto da água. Mais
oito pastores estão já dentro da água. A
longa fila vai diminuindo, enquanto en-
tram dentro de água os candidatos. A ce-
rimónia parece não acabar. Duzentas e
sessenta e tal pessoas são transformadas
em membros da nossa igreja. Não é uma
cerimónia vulgar, embora noutros congres-
sos também elevado número se realizaram.
Mas nós não assistimos aos outros e por
isso ficamos maravilhados com esta ceri-
mónia.

No domingo do Congresso, uma grande
reunião de jovens, atrai não só os nativos,
mas também grande número de pessoas
dos arredores.

Vários jovens foram investidos nas várias classes progressivas, depois ouvimos a apresentação de textos bíblicos, outros apresentaram vestidos em trajos próprios, várias cenas bíblicas ou diálogos relacionados com a Bíblia.

Ao contemplarmos aqueles jovens, nós podemos compreender a grande transformação que o evangelho tem produzido nas suas vidas. Através das estradas de Angola, nos seus quimbos, nós podemos ver a vida primitiva, suja, imoral, de tantos jovens, e se mais tarde os pudessemos acompanhar, eles seriam, para nós, novas criaturas.

O Congresso terminou. No coração de todos nós arde bem viva a chama do Evangelho. Quão grandes coisas Deus tem realizado, neste grande país que é Angola.

Que Deus abençoe Angola e o trabalho realizado pelas nossas Missões e que muitos mais obreiros desperte para esta grande seara.

UM DIA NO BONGO

Depois de terminado o Congresso, o Bongo voltou à sua paz e ao seu trabalho de cada dia. Eu desejava acompanhar, ou ser acompanhado pela prezado leitor, e viver um dia no Bongo.

Manhã cedo a Missão começa a acordar. Por todo o lado, vimos grupos de alunos e outro pessoal.

O Instituto do Bongo e o Hospital do Bongo, as duas maiores instituições da União, estão em plena actividade.

Dos dois dormitórios, situados nos terrenos da Missão, ou de casa das famílias, nas aldeias próximas, começam a surgir os alunos. Rapazes e raparigas que deixaram de ser quase selvagens, surgem agora,

limpos nos seus vestuários, com os seus livros, a caminho das aulas. O sino estende a sua voz, através de todo o terreno da Missão e chama a todos para a vida. As aulas das primeiras classes são dadas por professores brancos. Não há diferença entre o aspecto duma aula ali no instituto e de muitas das nossas escolas, no conti-



Grupo de finalistas do Instituto do Bongo

nente. Aulas limpas, carteiras razoáveis e os mesmos ensinamentos. Simplesmente, aqui, existem classes preparativas, motivadas pelo desconhecimento quase total da língua portuguesa.

Enquanto estes alunos frequentam as aulas de manhã, uma outra parte, que tem aulas de tarde está trabalhando em vários lugares, desde a agricultura, que ocupa muitos braços, à vacaria, carpintaria, tipografia, obras, etc. Os alunos, trabalhando estas horas, ajudam especialmente a sua alimentação. Aqui estão alunos de todas as nossas missões. Aqui vêm fazer o seu curso de catequista ou professor e depois reenviados para os seus campos missionários como obreiros. Aqui encontramos rapazes de várias tribos — os gins do Cuale, os quicocos da Luz, os luenas do Lucusse, os umbundos dos campos próximos, etc. Ali, ao lado da sua instrução primária, eles aprendem as suas cadeiras de Bíblia, que os habilitam ao trabalho no ministério ou no professorado.

Os seus exercícios de capela, a colaboração no trabalho missionário dos arredores estes rapazes e raparigas, a tornarem-se missionários de valor.

O Instituto conta este ano com mais de 300 alunos, além dos que sob a sua direcção estão nas escolas rudimentares nas aldeias próximas. É grande a nossa obra de educação em Angola. Os alunos que se apresentam aos exames oficiais e depois



Instituto do Bongo — Tendo por fundo o templo, os alunos estudam as suas lições

são colocados como professores são a melhor garantia do futuro da obra. Com seus 30 anos de existência, têm passado pelo instituto muitos milhares de rapazes e raparigas, hoje pastores, mestres, professores por Angola fora, levando a luz do Evangelho. Através da escola foram transformados em cidadãos úteis muitos milha-



Dispensário do Cuala

res de jovens, habituados a costumes primitivos, sem higiene, sem educação, e que hoje são criaturas completamente diferentes.

Do outro lado, da parte de cima, fica o Hospital do Bongo, a nossa instituição mais conhecida em Angola.

Logo à entrada da Missão fica a consulta para europeus e nativos.

Ainda de manhã cedo, começa a juntar-se grande número de nativos, que vêm buscar tratamento e alívio para os seus males. Vêm alguns de longe, outros de perto. Alguns são conduzidos em improvisadas macas, uma manta segura a um pau e depois o doente ali dentro. É uma romaria, e uma série de casos, uns simples e vulgares, outros graves e sem esperança mesmo. Grandes chagas vêm-se com frequência.

As enfermeiras tratam os casos depois da consulta que o dr. Parsons também realiza para os nativos. O seu número é sempre de algumas dezenas. No hospital, as enfermarias dos nativos estão cheias, e alguns ficam mesmo nas varandas. Não há lugar para mais e o sofrimento aumenta, as misérias e doenças não param.

Antes da consulta dos nativos, regularmente realizam-se as operações. No canto do pavilhão, onde ficam as enfermarias, está a sala de operações. Dia após dia, muitas maravilhas ali são realizadas. Deus tem usado maravilhosamente o seu servo para realizar um trabalho conhecido em Angola inteira. De todo o lado chegam chamadas para que vá procurar

minorar o sofrimento de alguém que outros médicos abandonaram ao sofrimento físico. Muitas almas têm sido ganhas através do seu contacto com o hospital do Bongo.

Da parte da tarde, começam a juntar-se para as consultas dos brancos. Algumas pessoas estão nos hotéis da povoação do Bongo, e vêm nos automóveis dos hoteleiros. Outros, no entanto, vêm de longe. Carrinhas e automóveis, chegam de todas as partes de Angola. Homens, mulheres e crianças, buscam alívio para os seus sofrimentos. Durante toda a tarde, e muitas vezes, através da noite, nove, dez e às vezes até mais tarde, as consultas se sucedem.

A obra médico-missionária em Angola, tem sido o braço direito para o desenvolvimento da mensagem.

Muitas vezes, se ouve falar dela, através de todas as vilas, aldeias ou cidades.

O trabalho do Hospital, completa-se por um pequeno laboratório a cargo da esposa do Dr. Parsons, e por um grupo de enfermeiras, portuguesas e estrangeiras. Uma delas, Miss Ruth Johnson encontra-se em Angola, desde o tempo em que o Hospital do Bongo era... um simples dispensário.

Uma carpintaria privativa, armazéns e um atraente escritório, assim como uma pequena sala para cultos, completam o hospital. Nessa sala realizam-se reuniões especialmente destinadas aos doentes e pessoas que os acompanham.

A obra médica completa-se ainda com uma leprosaria, nos terrenos da Missão. No centro encontra-se um edifício do dis-



Grande número de indígenas vão ao Hospital do Bongo receber tratamento

pensário, e surge logo que lá chegamos o enfermeiro nativo. À volta, pequenas casas, limpas, abrigam os leprosos. Debaixo de uma árvore, pequenos bancos e cadeiras, marcam o seu lugar de reunião. Criado, cultivam a terra e assim o seu sofrimento é atenuado. A um toque começam a juntar-se. Alguns parecem sãos, mas os seus dedos, especialmente dos pés, quase que não existem; outros, as mãos quase inutilizadas; outros cegos. Confrange ver, muitos deles novos, ali afastados do mundo, esperando e alimentando anseios que nunca chegam — a cura. Ali se reúnem debaixo daquela árvore. Ali ouvem as mensagens consoladoras do Grande Médico e as mensagens da oferta que Jesus faz

aqueles que queiram viver nessa pátria, que nos foi preparar, e onde a doença não existirá.

Estamos de partida, e a nossa impressão destes dias perdurará na nossa mente durante muito tempo. Bongo, o maior centro adventista em Angola, mesmo em todo o Império Português, fica já para trás, mas a luz que dali irradia, através da Escola e do Hospital ilumina Angola inteira.

JOAQUIM A. MORGADO

(No número anterior desta Revista saiu anónimo o seu esplêndido artigo «O Professor discípulo de Cristo». Pedimos desculpa pelo involuntário lapso. — N. da Redacção).

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DA UNIÃO PORTUGUESA

Relatório de Agosto de 1953

NOMES	HORAS	LIVROS	REVISTAS	TOTAL
Tomás de Aguiar	199	2.630\$00	250\$00	2.880\$00
Idalina Ferreira	108		2.270\$00	2.270\$00
Maria L. Saboga	90		2.255\$00	2.255\$00
João António	137	1.215\$00	320\$00	1.535\$00
João J. Nobre	59	1.530\$00		1.530\$00
Orlando T. Costa	140	1.295\$00		1.295\$00
Maria L. Amboim	85		980\$00	980\$00
João Cardoso	49		935\$00	935\$00
Júlia Sanches	143		935\$00	935\$00
Parreira Lopes	140	675\$00		675\$00
Alberto Nunes	57	645\$00		645\$00
José Sanches	26	355\$00		355\$00
Anselmo Gorgulho	34	275\$00	70\$00	345\$00
Domingos Pastor	41	430\$00		430\$00
	1.312	9.050\$00	8.015\$00	17.065\$00

O Secretário de Publicações
Fernando Mendes

Relatório de Setembro de 1953

NOMES	HORAS	LIVROS	REVISTAS	TOTAL
Maria L. Saboga	104		1.930\$00	1.930\$00
Idalina Ferreira	108		1.770\$00	1.770\$00
João António	145	1.340\$00	295\$00	1.635\$00
Domingos Pastor	59	700\$00	275\$00	975\$00
Júlia Sanches	137		775\$00	775\$00
Júlia Costa	8		605\$00	605\$00
Alberto Nunes	20	540\$00		540\$00
Anselmo Gorgulho			405\$00	405\$00
Maria L. Alboim	43		70\$00	305\$00
Cipriano Baptista	22	235\$00	15\$00	240\$00
Amílcar Godinho	31	225\$00	715\$00	925\$00
Diversos	206	210\$00		
	908	3.545\$00	6.985\$00	10.530\$00

O Secretário de Publicações
Fernando Mendes

O TRABALHO EM BENGUELA

É apanágio dos descobridores a expansão das suas ideias no desempenho da sua mui nobre missão das descobertas das terras. Cerveira Pereira fora incumbido de conquistar terras do Sul de Angola. Benguela deve-lhe o seu esforço o qual abriu alas para a Benguela moderna onde a vida floresce em todos os seus aspectos...

Cerveira estava incumbido da «salvação dos idólatras e prevenir aos rebeldes e piratas herejes...» que poderão introduzir na gente sem luz a preversidade da sua seita!

Praticamente nada se tem feito no sentido de cristianizar os idólatras que são aos milhões por estas terras fora. Fala-se muito em religião. Existe hoje uma aparência de piedade, mas nega-se a eficácia dela no dizer do Apóstolo S. Paulo a Timóteo. Remontando por uns instantes aos dias de S. Paulo, portanto antes dos descobrimentos do século XVI, vemos que as gentes se insurgiam contra ele dizendo: «Temos achado que este homem é uma peste, promotor de sedições entre todos os Judeus, por todo o mundo, e o principal defensor da seita dos Nazarenos». (Actos, 24:5). Perturbou-se porventura Paulo? Não, ele continuou na mesma «seita» prégando e ensinando objectivamente.

Jesus Cristo é chamado nas Escrituras o Nazareno, natural de Belém da Judeia, tendo vivido com seus pais em Nazaré, donde lhe adveio o nome de Nazareno. E Seus seguidores, como também S. Paulo, eram também nazarenos e transmitiam ao mundo a Sua gloriosa mensagem. Ao encontrar-se ele em Tessalónica e em Berea, anunciava o Evangelho e disputava sobre os motivos da fé cristã com os judeus; «mas os judeus desobedientes, movidos de inveja, tomaram consigo alguns homens perversos dentre os vadios e ajuntando o povo alvorçaram a cidade; e não os achando trouxeram Jason e alguns irmãos à presença dos magistrados da cidade clamando: Estes que têm alvorçado o mundo chegaram também aqui». (Actos, 17:5,6).

Nós, como Paulo e seus irmãos na fé, também chegámos até aqui. Circundamos o mundo em Divisões, Uniões, Conferências e Campos Missionários tendo uma

mesma doutrina uniforme — a doutrina do Nazareno, prégada por S. Paulo e demais apóstolos. Verifica-se nisto a sucessão apostólica na mui nobre missão de anunciar ao mundo os temas fundamentais da Verdade cristã tal qual se observam nas Sagradas Escrituras. A vinda de Cristo nesta geração, o estabelecimento do Seu Reino glorioso, a observância dos Seus mandamentos gravados nas tábuas de pedra e entregues a Moisés, no monte Sinai, escritos pelo próprio dedo do Deus Criador e Redentor, e agora gravados nos corações de cada alma sincera, que anseia encher o coração das verdades que não se encontram adulteradas pelas tradições dos homens mas puras na sua essência.

Neste campo missionário de Benguela, se tem constatado, embora lenta mas progressivamente, um aumento de membros no capítulo da Escola Sabatina e da Igreja. Muito há ainda a fazer-se na disseminação da Mensagem do Terceiro Anjo, mas podemos estar agradecidos a Deus pelo que tem sido feito até ao presente.

Foi em fins do ano 1945, em casa duma nossa irmã que conheceu a mensagem de Deus na Missão do Bongo, que teve lugar a primeira Escola Sabatina em Benguela, com cerca de seis pessoas. A semente tinha sido lançada no coração da nossa irmã e ela continuou a produzir os seus frutos; porém, como no decorrer de dois anos aumentasse o número da Escola Sabatina, esta irmã pediu a vinda dum missionário que assumisse a responsabilidade de levar à frente a obra em Benguela. Passado algum tempo veio do Brasil, com sua esposa e filhos, o missionário Manuel de Castro, o qual tomou conta da obra de Deus até Fevereiro de 1950, data em que o autor destas linhas o veio substituir. Em 1951 organiza-se uma Igreja com 14 membros tendo hoje 32. A par disto contamos já com 108 membros da Escola Sabatina, 3 Escolas Sábatinas anexas, e 16 Departamentos do Lar espalhados por todo este campo missionário.

Cremos que a Providência de Deus impulsionou os Reis e os descobridores de antanho para abrirem caminho à expansão missionária como agora se vê em todo o mundo. A luz da Verdade está irradiando

em todos os Continentes e Ilhas no cumprimento da ordem do Mestre:

«E disse-lhes: Ide por todo o mundo, prègai o Evangelho a toda a criatura. Quem crer e for baptizado será

salvo; mas quem não crer será condenado». S. Marcos, 16: 15,16.

A. RODRIGUES

Pastor da Igreja de Benguela

O LUENA DESPERTA

A Missão do Lucusse realizou a sua Campanha Evangelística entre 22 de Junho a 13 de Julho de 1952. O grupo de obreiros que tomaram parte, foi constituído por quatro mestres nativos dos cinco deste Campo Missionário, pelo Pastor e pelo Director e sua família. O local de trabalho foi cuidadosamente escolhido e com o devido tempo de antecedência, de modo a que se pudesse actuar num centro exclusivamente formado por gentes da tribo dos Luenas. Escolhida uma aldeia para «quartel general» de operações, onde nos instalámos numa cubata com a família, foi realizada uma obra de evangelização individual por diferentes aldeias, tendo sido percorrida uma área de 360 quilómetros.

Os Luenas não se agrupam formando quimbos de numerosos habitantes. Em cada aldeia apenas se vê um pequeno número de habitações dispostas em semi-círculo, ou alinhadas ao longo das estradas, quando se não encontram escondidas no interior da floresta nas proximidades de algum rio. A nossa aldeia, aquela que foi escolhida para centro de operações, no tocante a população foi uma excepção, pois esta é relativamente numerosa. Podemos dizer abertamente que fomos todos recebidos pelos nativos com manifestações de regozijo. Os mestres foram tratados como príncipes, e nós, com a consideração devida ao nosso cargo de missionários.

As mensagens a apresentar em cada dia eram de véspera ensinadas por nós, e apontadas pelos mestres. Além dos estudos bíblicos dados de casa em casa, demos também estudos em pequenos grupos mais ou menos numerosos, de noite à roda da fogueira (muito do agrado dos indígenas). Nas reuniões nocturnas respondíamos a perguntas que nos eram dirigidas pelos assistentes e ensinavam-se hinos. Tudo isto proporcionou horas de prazer espiritual para todos nós. Sentimos a falta de um projector de quadros bíblicos. Esperamos que a generosidade da União Angolana

nos proporcione um para a próxima Campanha de 1953.

Esta pobre gente, que nos escutou durante dias a fio, de dia e de noite, é genuinamente idólatra, supersticiosa e espiritista. No meio das suas aldeias, encontram-se em vistosas armações de paus, ossadas e crâneos de animais oferecidos aos espíritos dos amigos ou dos parentes mortos que os ajudaram em bem sucedidas caçadas. Na nossa aldeia havia um cão, em tamanho natural, que era o ídolo da caça, moldado em barro, com o seu prato de comida onde de vez em quando lhe deitavam restos de animais. À entrada de cada habitação, pequenos altares para a aspersão de sangue de animais imolados como vítimas, e uma variedade de amuletos e feitiços, cuja explicação nos não pode ser facultada. Uma dessas coisas era para as mulheres estéreis, foi o máximo que conseguimos saber. Numa das nossas visitas, surpreendemos uma autêntica e complicada sessão de espiritismo, onde não faltavam duas raparigas fazendo o papel de médiuns, animais sacrificados, sangue aspergido, roupa de homens e de mulheres em exposição diante das médiuns, manifestações diabólicas como latidos de cão, etc.. Não perdemos este ensejo para apontar o erro e mostrar a verdade. A Mensagem despertava interesse. Quando chegávamos, à hora habitual, já éramos aguardados com ansiedade pelos nossos ouvintes, tanto novos como velhos e sem diferença de sexo. Assim, o Espírito do Senhor uma vez mais prevaleceu sobre as trevas. Por tudo isto, tenho modificada a minha opinião quanto ao que diz respeito à convertibilidade da tribo dos Luenas. Não são menos acessíveis ao Evangelho do que outras tribos da África. O desconforto da nossa cubata e do ambiente gentílico, quase que o não sentíamos, embevecidos que estávamos ao ver naqueles olhos vivos e rostos simpáticos e inteligentes, a chama do interesse pela Palavra de Deus que lhes fôramos levar.

Belas noites de luar, foram aquelas pas-

sadas ao redor das fogueiras cantando hinos no meio do sertão, em louvor ao Eterno Deus! Os Luenas comportaram-se como Umbundos, Kimbundos, Gingas, Qui-lingues, Seles, Quiocos e... Portugueses...

A selva Africana também tem encantos para nós missionários: Tantas almas para salvar!

Esta região é, como dizem os nativos, a «Capital do Leão». Porém nem este facto, nem a visita do bicho àquela aldeia, nos atemorizaram, apesar da fragilidade da nossa cubata. Deus esteve com os Seus mensageiros e mal algum nos sucedeu.

«...Na verdade até aos gentios deu Deus o arrependimento para a vida». Act. II: 18.

Grande foi a nossa surpresa, na manhã do último sábado ali passado em Congoje, ao constatarmos que os ídolos, amuletos e etc., de quase todas as casas, tinham, por seus donos, sido derrubados e arrancados aos primeiros alvares do dia! Naquela noite

houve duas grandes fogueiras: Ao redor de uma, nós cantávamos com o povo, e na outra ardiavam vistosamente os ídolos ali lançados...

Graças a Deus que assim aconteceu para Sua honra e glória!

Os sobas Mutochi e Tchituta visitaram-nos para nos pedir que abrissemos escolas entre o seu povo. Também os sobas Uichi, Cangiji e Caiengue nos enviaram emissários com idênticos pedidos a fim de satisfazer as grandes áreas da sua jurisdição.

Duzentas e dezasseis pessoas se apresentaram dando seus nomes para receberem as instruções da Palavra de Deus. Vamos confiar essas preciosas almas ao cuidado dos fiéis catequistas pedindo ao Senhor de toda a graça que lhes abria o entendimento e o coração à influência da Sua Bendita Palavra.

VITORINO CHAVES

Francisco encontrou André

André Gaspar é um rapaz que estudou numa Missão Metodista e que, após concluir os estudos, ingressou no quadro de catequistas daquela Missão, onde trabalhou durante oito anos. Há uns nove meses atrás, um dos nossos mais activos catequistas da Missão de Cuale foi fazer trabalho missionário à aldeia onde estava André. Sofreu, ao princípio, bastante oposição, não só da parte dos católicos mas também da dos Metodistas. A despeito desta oposição ele prègou a Verdade com muita coragem; verificámos depois que o Senhor abençoou ricamente a Sua Palavra, pois o catequista André ficou tão profundamente impressionado com a mensagem, que resolveu investigar por si mesmo onde estava a Verdade. Começou estudando e meditando até que, mais tarde, pediu auxílio ao nosso catequista que o tem instruído bem na ciência da salvação. Finalmente André decidiu seguir a Verdade conforme se encontra nas Sagradas Escrituras, para o que foi imediatamente apresentar o caso aos seus missionários com quem teve uma calorosa discussão acerca das suas novas ideias. Ele falou com a Bíblia na mão citando, em especial, a santidade do Sábado. Por fim os missionários disseram-lhe: «Vai e faz o que quiseres».

André compreendeu bem que não estava prègando a Verdade toda, tal e qual se encontrava na Bíblia e, por isso, veio bater à nossa porta dizendo que desejava, de todo o coração, conhecer mais acerca de Jesus e trabalhar por Ele. Tem estado fazendo a sua preparação para o Baptismo, mas, enquanto isso, tem feito um bom trabalho para o Senhor. Ele mesmo pediu que o deixassem sair da aldeia onde tinha trabalhado todos aqueles anos e ir para outra. Foi com sua mulher e filho, sem salário e sem qualquer promessa de nossa parte. Não levou dinheiro ou amigos ou qualquer auxílio material, mas levou o coração a arder com fé e vontade de fazer alguma coisa para o Seu Salvador que tão bondosamente lhe tinha mostrado a Luz verdadeira.

Podemos dizer conscienciosamente que tem feito um bom trabalho; podemos dizer também, e com muita satisfação, que André e sua esposa acabam de ser baptizados e de se unir às nossas forças. Que o Senhor abençoe André e sua família e nos depare muitos casos como este.

A. M. CANDEIAS

Como entrou a Mensagem em Savitangaiala?

Savitangaiala é uma importante aldeia indígena, com 213 casas (palhotas) situada entre os rios Cubango e Cutato, a 30 quilómetros da estação ferroviária do Chinguar, no distrito do Bié.

Ali vivia com seus pais uma menina chamada Belina Bolombo. Esta menina na companhia de um tio mudou-se mais tarde para a aldeia da Iava aonde havia uma escola adventista. A menina começou a frequentar a escola e em breve se converteu juntamente com o tio. Os anos passaram e a menina tornou-se a esposa de um dos nossos zelosos catequistas, de nome Mário Cassoque. Deus abençoou o trabalho de ambos e eles estão agora à frente de uma igreja com 130 membros.

No começo deste ano o casal resolveu fazer uma visita à aldeia que tinha aban-

feitços como nós fazemos. Não vemos diferença entre nós e eles. Como não conhecemos a fé adventista vamos aceitar a vossa escola e experimentar o resultado entre o nosso povo.»

Quando o sr. Presidente da União foi informado do que se passava mandou realizar uma campanha evangelista em Savitangaiala e eu mesmo passei ali uns vinte dias juntamente com mais oito catequistas do Campo Missionário de Nova Lisboa.

Todas as casas foram visitadas e dezenas de estudos bíblicos foram feitos além das reuniões à noite para o público. O irmão enfermeiro, Isaiás Artur, auxiliou-nos grandemente na obra evangelística e tratando dezenas de doentes.

Como resultado deste esforço 303 almas



Grupo de Catequistas em Vila Luso

donado tantos anos antes e onde residiam ainda os pais de Belina.

Durante os dias da visita fizeram reuniões, todas as noites, junto ao fogo, e levantaram um grande interesse.

O soba da aldeia começou também a interessar-se na nova doutrina e o nosso catequista propôs-lhe o estabelecimento de uma escola adventista na sua aldeia. O soba respondeu: — «Já conhecemos duas crenças. Alguns dos nossos homens tornaram-se protestantes e parecia que eram melhores do que os outros, mas continuaram a fazer dívidas e viviam como os gentios. Também vieram os catequistas católicos mas nós não temos confiança neles. Eles fumam, dançam, bebem, fazem

se inscreveram na classe baptismal e estão agora estudando a Palavra de Deus e esforçando-se por pôr em prática os seus ensinamentos.

No mês de Julho o nosso Presidente visitou aquela aldeia e instalou ali o catequista Pedro Canjolombo e sua família.

Esperamos que o Senhor nos dê uma abundante colheita de almas naquela prometedora região. Deus usa muitas vezes humildes instrumentos para realizar a Sua obra tal como aconteceu com esta menina. Pedimos as orações dos irmãos para o trabalho em Savitangaiala e em toda a Angola.

VENANCIO CHIPOPA
Pastor adventista

Da Missão Adventista de Cuale

Dobrando o Nosso Número de Membros

Quando em 1950 os Irmãos da Conferência Geral, reunidos em Concílio, votaram que se dobrassem todos os esforços para que se dobrasse o número de membros durante o quadriênio de 1950-1954, o número de membros de nossa Igreja de Cuale era de 124. Aquela decisão da Conferência Geral foi por nós acolhida com bastante simpatia e desde aquela data vimos trabalhando, com todas as forças e meios ao nosso alcance, no sentido de duplicarmos os membros de nossa Igreja. Podemos dizer que o Senhor nos tem abençoado duma maneira tão maravilhosa que agora já nos é possível ver o que os nossos

corações tanto desejaram. Temos agora em boa comunhão com a Igreja 294 membros. Isto somente é possível com o poder de Deus, pois não é de acreditar que simples agentes humanos tenham o poder de arrancar almas do domínio da poligamia, feitiçaria, idolatria e de outras coisas mais contrárias aos princípios cristãos, e trazê-las para a pureza da vida e da fé. Acabamos de celebrar uma cerimônia baptismal na qual 73 almas foram sepultadas com Cristo e ressuscitadas para uma vida nova. Desejamos de todo o coração dar as boas vindas a estas preciosas almas e é nosso sincero desejo que Deus as ampare na nova vida que ora iniciam.

A. M. CANDEIAS

Noticias do Campo

PASTOR FRANCISCO CORDAS — No dia 25 de Setembro embarcou para Cabo Verde o Pastor Francisco Cordas, director da Missão Caboverdeana, acompanhado por sua Esposa e Filhos. Depois de umas bem merecidas férias, desejamos-lhe grandes bênçãos na prossecução do seu trabalho.

ALUNAS DO SEMINARIO DE COLLONGES — No dia 29 partiram para Collonges (França), as jovens irmãs Maria Rosa Baptista, Maria Rosa Saboga e Irene Nave Leal. As duas primeiras já estiveram o ano passado no Seminário, ao passo que a Ir. Irene vai pela primeira vez. A todas desejamos um próspero ano lectivo.

CONFERÊNCIA PORTUGUESA

Lisboa

Apesar de muitas pessoas terem estado ausentes da Capital durante os meses de Verão, as reuniões continuaram bem frequentadas por almas desejosas de ouvirem o Evangelho. O Ir. Juvenal Gomes, agora plenamente integrado no seu trabalho em Lisboa, não tem mãos a medir.

No passado dia 26 de Setembro, tivemos a alegria de ver baixarem às águas baptismas onze almas, que durante meses se vinham preparando para esse acto.

Estão feitos planos para se começar uma campanha de evangelização na cidade a partir dos meados de Outubro. Esperamos que muitas almas virão a interessar-se pela Verdade, como resultado deste esforço.

Faro

De uma carta do Ir. João I. Chaves, obreiro em Faro, escrita em 29 de Setembro, transcrevemos o seguinte trecho:

«Tivemos um belo dia no Domingo, 27, havendo-se baptizado três pessoas: duas da Luz e uma de Faro. Grande foi a nossa alegria ao vermos o recinto dos baptismos rodeado de uma multidão de espectadores. Correu tudo muito bem, mas, como é de esperar, alguns dos crentes que no futuro se baptizarão ficaram admirados ao verem tantas testemunhas.

«À noite, em Faro, fez-se a nossa reunião, com a salinha completamente cheia, e com pessoas no corredor.»

MISSÃO CABOVERDEANA

S. Vicente

Pequenina em membros, mas grande em almas, é a igreja de S. Vicente. Todos estão ao trabalho com animação. «O amor de Cristo nos constrange» é o lema da nossa juventude, o qual aqui está sendo cumprido. As perseguições que nos têm infligido não nos fazem recuar, mas antes, a exemplo dos tempos apostólicos e dos pioneiros do glorioso Movimento Adventista, incubem-nos coragem, ousadia e amor pelo nosso próximo, sabendo que temos por Comandante a Jesus Cristo, a quem apaixonadamente amamos, e assim, enfileirados debaixo do Pendão Real, avançamos sem temor como bons soldados do

Mestre. «A mensagem do Advento a todo o Mundo nesta geração» é o alvo que temos diante de nós. Com ele em mente e em obediência ao mandado de Jesus: «Ide por todo o Mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura» (Marc. 16:15), propusemo-nos abrir trabalho na simpática freguesia de S. Pedro, que dista 12 quilómetros de Mindelo.



Missão da Luz — Professores e alunos junto da capela

Lá fomos um grupo de crentes mostrar àquela gente quanto Jesus nos ama. A princípio fomos bem recebidos, mas em breve, devido à influência do seu mentor religioso, começámos a ser maltratados, até que, alguns domingos volvidos, chegámos a ser apedrejados, tendo ficado várias pessoas feridas com algumas contusões, entre as quais um jovem com uma ferida na região temporal esquerda.

Apesar de tudo, no domingo seguinte voltámos. Como não recuámos, recuou o diabo. Na verdade, a batalha foi forte, mas o diabo estava vencido. O Espírito de Deus esteve connosco. Foi-nos oferecida a melhor casa na aldeia e falámos sobre a lei de Deus. Estava uma verdadeira multidão de gente a ouvir. Umis sete pessoas deram-nos o seu nome manifestando o desejo de pertencerem ao nosso povo. Dia sublime! Horas de satisfação! Depois de um dia activo, alguém na cidade se abeirou de nós e perguntou: «Não tiveram medo de lá voltar?» Respondemos: «Quando Deus é por nós, quem será contra nós?»

Ao voltarmos no domingo seguinte já não falámos na casa que nos tinha sido oferecida, pois que perseguiram a senhora que a tinha posto à nossa disposição, mas falámos noutra, perante grande assistência. Ali fizemos a Escola Sabatina.

Tudo está a correr bem, mas continuamos a esperar mais um ataque do inimigo. O ânimo que foi aconselhado a Josué está connosco e com ele trabalharemos para ter uma igreja forte em S. Vicente de Cabo Verde. — *Adelino Nunes Diogo.*

MISSÃO DE MOÇAMBIQUE

Do Pastor E. P. Mansell, que depois de ter passado alguns anos em Moçambique como director da Missão, acaba de regressar aos Estados Unidos, recebemos a seguinte carta destinada

aos leitores da nossa Revista e que gostosamente publicamos:

«Prezados Irmãos:

Depois de ver o nosso filho Donald e esposa, que estão de partida para o Brasil, fomos para o nosso lar, na Califórnia, onde vamos descansar alguns meses, antes de partirmos para Hawaii, se a saúde de minha senhora o permitir.

Estamos fazendo a nossa viagem de automóvel e casa ambulante. As estradas são excelentes.

Não estamos arrependidos de ter gasto trinta anos entre os nossos irmãos portuguese e brasileiros. Que Deus abençoe os irmãos no seu bom trabalho na salvação das almas. Vamos todos ser fiéis no nosso trabalho, porque parece que o tempo está perto.

Recomendações a todos.»

REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO EXCLUSIVAMENTE RELIGIOSO
E DE INFORMAÇÃO DA IGREJA
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

DIRECTOR: ERNESTO FERREIRA

ADMINISTRADOR: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, J. A. Esteves,
E. Ferreira, M. Lourinho, E. Miranda, S. Reis e
M. M. Viegas.

PUBLICAÇÃO MENSAL

Cont., Ilhas e Províncias Ultramarinas

Número avulso	1\$50
Assinatura anual	15\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.

32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA